

**OS MACUNAÍTAS: EXÉQUIAS. EX(C)ERTOS. TRECHOS)**

“Do muito que li, em ócio, e viajei, em férias, partes da formação da minha nobre educação Icamiaba, tornaram minha chegada nessas terras de Jerusalém, letrinha miúda, de maneira que aqui cheguei já na consideração que não merece pouca estimação, o que, desprezando os mimos e regalos da sua pátria, busca as alheias para nela se qualificar com mais largas experiências; por cuja razão é sair o da pátria o que faz aos homens mais capazes e idôneos para mui grandes empresas e suficientes para tudo: como o tem feito a tantos varões ilustres. Porém é certo que quem peregrina acompanhado de seus vícios mais valerá não ter saído; pois tornará mais perdido, que aproveitado: porque as enfermidades da alma não se curam com a mudança de lugar, de modos que aqui cheguei, doente de doença Brasil, país sem saúde, o dístico do pai espiritual do meu povo não é nada perto do meu: escrevem bonito e fazem feio, os males do Brasil são!”

“Eu pensei em ser breve nestas bem traçadas mas você repare na grandeza da matéria o que não me permite qualquer outra alternativa imposta pelo gênero. Não é nada desprezível o aprendizado que tenho angarinhado com o povo do livro. Sim, eles são o povo do livro. Você, então, imagine os estatelos e estupefatos a que sou submetida a cada perna pela rua ou sentada no ônibus, eu, uma legítima Icamiaba, conviva dos melhores salões da nobreza paulistana, descendente exemplar do povo do Texto, os Macunaítas.”

“Me acuda, prima, para brincar todas as noites. De manhã, quando Vei a sol chega estou exausta, quem tem força para levantar e ir trabalhar para ganhar vintém para pagar a universidade? Bem que eu quis impor à minha ardida chama uma abstinência, penosa, para poupar despesas à prima; porém que ânimo forte não cede ante os encantos e galanteios da homarada nordestina [sic] palestina daqui? Sei que vais me recordar, em argumentação carinhosa, que podia entregar de vez a muiraquitã pro meus cuidados e por ele pra correr, como boa Icamiaba que sou, mas você não imagina que os homens árabes daqui parecem Icamiabas de tão homens que são e contam nossas luas de sangue porque querem os filhos machos para eles e já que eu não reproduzo o homem vem brincar toda noite, a muiraquitã tá na mesinha ao lado da cama, empoeirada que só vendo a belezinha, ele dá safanão no meio da noite e eu vou parar longe, a muiraquitã e o criado mudo vão juntos, uma delícia, eu acordo feito fúria e cresço para cima dele. Brincamos assim. Pode enviar apenas um pouco

mais de dinheiro porque com pouco a vossa abstermia acadêmica se contenta; se não puderdes enviar duzentos reais, mandai cem a mais, ou mesmo cinquenta!”

“A cidade velha, cercada com seus muros do fim do século XVI mas onde as pessoas jeremiam seus lamentos como se fosse o que restou da queda do segundo templo em 70 D.C, é um parque temático ao gosto do freguês, seja ele católico, muçulmano, judeu, budista, ateu ou arqueólogo. A cidade se abre para realizar qualquer fantasia de crença que uma pessoa tenha, da igreja do Santo Sepulcro, o castelo mal assombrado mais antigo do mundo até a maravilhosa, sem dúvida, esplanada da mesquita Esh-Sharif, que deixa o castelo da Cinderela no sapatinho embora ambos possam ser vistos a partir de qualquer canto dos seus reinos: Disney ou Jerusalém. Ninguém, ninguém aqui ladrilhou ou semeou, embora a cidade, como todas, viva de apropriações e desapropriações, mas nenhuma igual a que o padre Sergio Buarque de Holanda fez com a frase do historiador Antônio Vieira. Jerusalém nada tem de colonial (...).”

“Acontece, atente nisto, que o povo do livro acredita que somos o povo do Texto porque despregamos de uma folha perdida por uma então perdida tribo das dez tribos perdidas, desertores dos desertores, povo meio que do B das antigas, pensei gargalhando botões, fala sério, mas a hipótese seria a seguinte: nós nos perdemos, em algum momento, nos quarenta anos de caminhada das doze tribos pelo deserto que aportaram em Canaã. Tô boa, santa: um Macunaíta jamais se perderia, pensei, quanto mais cinco ou seis ou vinte e cinco juntos, pelo simples motivo de que jamais pensaram em encontrar qualquer coisa que fosse, quer dizer, a menos que seja para desconstruir. Se for verdade o que eles dizem, fique certo como eu estou certa, de que logo na primeira semana dos quarenta dias, assim que atravessaram o mar vermelho, os Macunaítas farejaram que aquilo tudo era uma chatice sem tamanho e desertaram bacana. No entanto, argumentam que as semelhanças entre nosso tio avô feiticeiro, Maanape e Araão, mano de Moisés, não são nada desprezíveis.

O povo do livro também assevera que algumas semelhanças textuais asseguram um passado em comum entre eles e nós, o povo do Texto, como por exemplo – eles se apoiam em Vasconcellos, por certo a palavra *Tupan-Abá* é uma curruptela que precedeu de *Tupinambá* e significa “Povo de Deus”. Uma outra, conceptual e agudér-rima, é a de que a palavra *arara* deriva de *ararat*, o monte bíblico onde Noé aposentou as galochas, revelando assim uma memória assombrada e assombrosa de tempos imemoriais em cujo caminho a letra *t* criou asas”.

“Para chegar ao Muro das Lamentações tem que descer uma escadaria de arrepiar o Bonfim e é suja, prima, tão suja que merecia uma lavagem de água de cheiro. Morro de vontade de fazer a lavagem das escadas do Kotel, ô saudades! O povo do livro também tem uma tradição culinária de comer sanduíches com bolinhos fritos de grão-de-bico na rua, imagina só, pensei então que poderia montar uma barraquinha perto da escadaria do Muro das Lamentações e me tornar a baiana do falafel.”

*Luciana Gama (Shlomit Or), 44, é escritora, fotógrafa, cronista e doutoranda na Hebrew University Jerusalém no Departamento de Spanish and Latino Studies. Brasileira e israelense, possui artigos publicados na Revista USP, Iararana e do Centro de Estudos Judaicos de Minas Gerais. Faz fotoliteratura, cujo foco, a narração das ruas, estão divulgadas em diversas mídias/jornais como Reuters e Haaretz. É autora de Os macunaítas: um povo sem solução, romance inédito, de onde o trecho acima foi retirado. Blogs: www.acusticojerusalem.blogspot.com; www.photojerusalem.blogspot.com; http://macunaitas.tumblr.com*